

***Henrique Barroso (Braga)***

**O aspecto de fases em portuguêz contemporâneo**

SEPARATA DE

Actas do XIX Congreso Internacional  
de Lingüística e Filoloxía Románicas

Universidade de Santiago de Compostela, 1989

Publicadas por Ramón Lorenzo

I

Sección I. Lingüística Teórica e Lingüística  
Sincrónica

## O aspecto de fases em português contemporâneo

Henrique Barroso  
(Universidade do Minho)

### 1. Da razão do título e da especificidade deste tratamento da categoria gramatical verbal ASPECTO.

O *aspecto de fases* em português contemporâneo é uma das modalidades (outras são: a *visão*, a *colocação*, o *resultado*, a *duração*, a *repetição*, etc.) daquilo que, com Eugenio Coseriu e Wolf Dietrich, chamamos o aspecto verbal perifrástico. Denominamo-lo assim, fundamentalmente, porque, de entre os diferentes processos de que a língua portuguesa dispõe, na actualidade, para expressar tal categoria gramatical verbal, a *expressão perifrástica* é, de longe, a mais funcional e rentável, isto é, aquela que maior grau de rentabilidade funcional e, conseqüentemente, sistematicidade apresenta. Podemos, até, dizer que representa a realização óptima da categoria *aspecto* na norma linguística portuguesa actual.

De acordo com o que se acaba de expor, uma pergunta salta logo à nossa insaciável curiosidade, a saber: quais são, então, as razões que justificam, ou, se quisermos, que asseguram este papel tão importante da expressão perifrástica, em detrimento das demais, ou seja, das expressões *flexional*, *lexical* e *contextual*?<sup>1</sup>.

Em primeiro lugar, porque as realizações *lexical* e *contextual* não são gramaticais (deste facto decorre o carácter precário da sua sistematicidade) e a *flexional*, apesar de o ser, não tem, na nossa língua, muita pertinência —a não ser nas morfotaxes do passado, que, segundo José G. Herculano de Carvalho, 1984, p. 227 e sgg., apresentam uma certa regularidade—, já que o sistema verbal central português se estrutura em torno da 'noção temporal'. Isto quer significar que, logo que haja 'noção verbal' (processo, estado, acção, etc.), esta mesma se organiza, nesta língua, de acordo com as diferentes classes temporais que a categoria verbal *tempo* realiza na conjugação central. Nas formas deste paradigma (que expressam, sobretudo, e fundamentalmente, as categorias gramaticais *tempo* e *modo* e *pessoa* e *número*) se 'algo' de natureza aspectual se manifesta (e são muitas as vezes em que tal fenómeno se verifica), não passam de 'efeitos secundários', co-

mo E. Coseriu os designa, decorrentes das significações gramaticais primeiras que são, obviamente, de natureza temporal e, depois, modal e determinadas também, muitas vezes, pelo contexto de ocorrência.

Em segundo lugar, porque (e passamos a citar) "passar do verbo à perífrase verbal é, no mais das vezes, um desenrolar de pensamento para melhor caracterizar as diversas nuances do raciocínio, dentro da dinâmica do processo. Nisso se evidencia a insuficiência do quadro das conjugações verbais, bem como se revela o esforço da língua, procurando tais desdobramentos para adaptar-se à grandeza das idéias" (João de Almeida, 1980, 1ª contracapa). Ora, isto quer significar, exactamente, que as formas verbais simples, não sendo já capazes de comportarem (em si) outros (= novos) significados (de natureza aspectual, mas também temporal, modal, diatética –sobretudo– e de outras naturezas também) decorrentes do(s) processo(s) verbal(ais), a norma linguística teve de lançar mão a novas estruturas para expressar aqueles valores que se encontravam apenas latentes no nível mais abstracto de hierarquização linguística, i. e., no *sistema*.

Intimamente ligada ao que acabámos de dizer está uma terceira propriedade / razão. Esta diz respeito ao forte elo de ligação / subordinação que se estabelece entre o *verbo auxiliar* e o *verbo auxiliado*<sup>2</sup> que, sendo muito embora uma unidade (predicado) do sintagma, pertence a um paradigma próprio. Este paradigma constitui um *sistema complementar* (ou *marginal*), como lhe chama E. Coseriu, 1977, p. 235 e sqq., do *sistema verbal fundamental* (i. e., o das formas verbais simples).

Trata-se de um sistema 'complementar' porque, como aliás já foi sugerido atrás, vem suprir, de forma inequívoca e espectacular a incapacidade das formas simples no tocante à expressão de certas modalidades (nomeadamente aspectuais, mas também outras) do verbo português, em particular, e do verbo românico, em geral. 'Marginal' porque, obviamente, não se encontra no centro da flexão verbal, mas nas suas margens, isto é, o sistema verbal central está ulteriormente recoberto por várias 'capas' de valores aspectuais, como nos sugere W. Dietrich, 1983, p. 226.

São entidades desse paradigma as perífrases gramaticais verbais, que graças ao processo (complexo) de gramaticalização que as tornando num todo funcional, quer sob os pontos de vista semântico e sintagmático, quer ainda, e sobretudo, sob o ponto de vista paradigmático, que, repetimos, por sugestão de H. de Carvalho, vamos chamar *sintagmas gramaticais*. São, por conseguinte, estes *sintagmas gramaticais* (construções que reúnem, quase sempre, duas formas verbais: uma flexionada –comportando os morfemas de tempo, modo, voz, pessoa e número– e outra não flexionada –infinitivo, gerúndio ou particípio–, e que constituem verdadeiros *sintagmas* verbais, semântica, paradigmática e sintagmaticamente delimitados, e *unidades* constantes aos níveis da 'norma' e do 'sistema') que, na norma

linguística portuguesa actual (como vamos ver daqui a pouco), expressam uma série de modalidades aspectuais que se integram na categoria mais geral da *Fase*. Porém, e antes disso, vejamos em que consiste tal categoria gramatical verbal e como se organizam (ou podem organizar) as diferentes 'etapas' de um determinado processo verbal.

## 2. Definição / caracterização da categoria aspectual da *Fase* (ou *Grau*).

A *Fase*, enquanto categoria aspectual verbal, caracteriza-se por referir, no momento do acto de fala, o grau de realização da acção verbal, ou seja, se esta se apresenta antes do seu começo, no próprio começo, em curso, perto do termo, no próprio termo, depois deste, etc.

Teoricamente, são infinitas as fases de uma acção verbal. Na prática, todavia, só algumas estão documentadas. Assim, por exemplo, o português contemporâneo conhece sete fases, realizadas todas perifrásticamente: a *fase iminencial*, a *fase inceptiva*, a *fase progressiva*, a *fase continuativa*, a *fase pré-final* (ou *regressiva*), a *fase final* (ou *conclusiva*) e a *fase egressiva* (cf. Fig. 1).

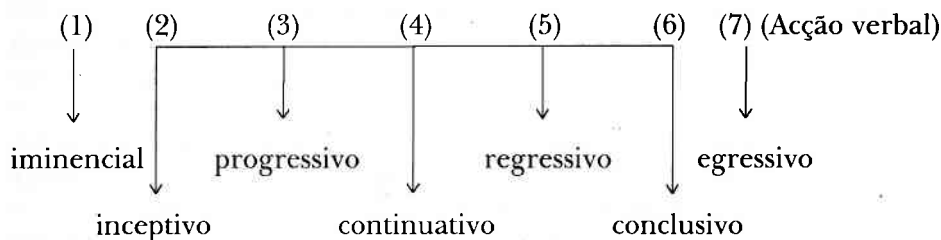


Fig. 1

Antes de as considerarmos individualmente, e servindo-nos de um exemplo, neutro no que diz respeito a este tipo de informação aspectual, ilustremos a realização, em português contemporâneo, das referidas sete fases de uma determinada acção verbal.

Tomando, pois, como exemplo a estrutura *ALGUÉM / CONSTRUIR / ALGO* e, substituindo *alguém* e *algo* por *os operários* e *a casa*, respectivamente, teremos, no tempo presente: 1. Os operários *estão para construir* a casa ('fase iminencial'), 2. Os operários *começam a construir* a casa ('fase inceptiva'), 3. Os operários *vão construindo* a casa ('fase progressiva'), 4. Os operários *continuam a construir* a casa ('fase continuativa'), 4. Os operários *estão a acabar de construir* a casa ('fase pré-final'), 6. Os operários *acabam de construir* a casa ('fase final') e 7. Os operários (já) *têm a casa construída* ('fase egressiva').

Devemos observar, ainda, e como princípio geral, que só os verbos 'durativos' admitem fases, mas nem todos admitem todas as fases. Há, na realidade, muitos verbos 'durativos' que só admitem alguma(s) dessas fases.

### 3. As subcategorias aspectuais da *Fase*.

#### 3.1. A *fase iminencial*.

Esta subcategoria aspectual (*vide* Fig. 1) caracteriza-se por considerar a acção verbal antes do seu começo propriamente dito.

*Estar para + infinitivo*, principalmente, mas também *andar para + infinitivo*, *ir a + infinitivo* e *ir para + infinitivo* são os instrumentos gramaticais que, na norma, se encarregam de expressar a referida função aspectual. Vejamos alguns exemplos que vêm, pois, corroborar o que acaba de se dizer e que, comparados com outros que aqui não transcrevemos por falta de tempo / espaço, nos permitirão tirar algumas conclusões interpretativas:

- Ex. 1. "É quando somos velhos que as coisas que *estão para vir* começam a acontecer, e uma razão de ser assim é que já somos capazes de acreditar naquilo de que duidávamos" (José Saramago, *Memorial do Convento*, p. 267).
- Ex. 2. "Temendo, com mais razões do que ninguém, o que *estava para acontecer*, os habitantes de Cerbère começaram a abandonar a cidade" (José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 30).
- Ex. 3. "Ó Mestre desculpe(..)mas há muito tempo que *ando para lhe dar* uma palavrinha!" (David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 69).
- Ex. 4. "- A sua mamã? Ela *ia para responder* mas felizmente ... Quantos lugares deseja V. Ex<sup>a</sup>?" (Almada Negreiros, *A Engomadeira*, p. 25).
- Ex. 5. "Ele parou um instante, fez-me um sinal com um dedo em gancho a mandar-me aproximar. Entrei e *ia a dizer*, mas ele, a palma na frente, e então sustive-me" (Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 97).

Expressando o mesmo conteúdo aspectual, estas quatro construções perifrásticas distinguem-se, contudo, umas das outras por indicarem uma *nuance* particular da *fase iminencial*. A diferença parece estar no lapso temporal que, sendo por natureza curto em todas elas –daí expressarem iminência–, aparece mais alargado em *andar para + inf.* e menos alargado em *ir a + inf.*, posicionando-se as outras duas construções (*estar para + inf.*

e *ir para + inf.*) no espaço intermédio delimitado por estas duas. Para além desta característica, o contexto parece ser um óptimo adjuvante na efectivação dessas construções, à excepção de *estar para + inf.*, construção esta que, por não requerer, de modo particular, um contexto de ocorrência próprio, e por expressar mais frequente e regularmente que as outras o referido valor aspectual, consideramos como o sintagma gramatical geral da *fase iminencial*.

Relativamente ao paradigma de *estar para + inf.*, temos a dizer que se encontra incompleto, porém bastante mais completo que os das outras construções (*andar para + inf.*: apenas algumas morfotaxes do modo indicativo; *ir para + inf.*: também apenas algumas morfotaxes do modo indicativo; *ir a + inf.*: quase exclusivamente a morfotaxe 'pretérito imperfeito do indicativo'): encontram-se documentadas todas as morfotaxes do modo indicativo; as do modo conjuntivo e as das formas nominais também vão aparecendo, mas em menor grau.

No que diz respeito à significação interna dos verbos que efectivamente coocorrem com estas estruturas, refira-se que, se, por um lado, só os verbos 'durativos' admitem fases, não devemos deixar de observar, sublinhando, por outro lado, que apenas os sintagmas gramaticais de *fase iminencial* podem coocorrer com verbos 'momentâneos' (ex.: *vir, chegar, acontecer*, etc.). As estruturas *estar para + inf.*, *andar para + inf.* e *ir para + inf.* combinam-se, quer com verbos 'durativos', quer com verbos 'momentâneos'; já *ir a + inf.* apenas ocorre com verbos 'momentâneos'.

Finalmente, estas três últimas construções distinguem-se da primeira (que, como já foi dito, não requer um contexto próprio) porque *andar a + inf.* precisa de um circunstancial temporal, mais ou menos lato, do tipo "já há dias", "há tempos", etc.; *ir para + inf.* exige quase sempre uma contraoposição (realizada também quase sempre por *mas* –a conjunção coordenativa adversativa–) e *ir a + inf.* também exige uma contraoposição que se manifesta, ou através de uma proposição introduzida pela conjunção coordenativa adversativa *mas* (cf. ex. 5), ou através de uma outra proposição. O papel de uma e outra é o de interromper, evitando a fase seguinte (= o começo), uma determinada acção.

### 3.2. A fase inceptiva.

Esta função gramatical significa o momento exacto do começo efectivo de uma acção verbal (vide Fig. 1).

São instrumentos gramaticais desta significação aspectual as seguintes construções perifrásticas: *começar a + infinitivo*, *principiar a + inf.*, *recomeçar a + inf.* ('perífrases extensivas', porque construídas com *verba adiecta*); *pôr-se a + inf.*, *passar a + inf.*, *romper a + inf.*, *deitar a + inf.*, *pegar a +*

*inf.*, *desatar a + inf.*, *largar a + inf.*, *entrar a + inf.* e *meter-se a + inf.* ('perífrases intensivas', porque construídas com *verba denominativa*)<sup>3</sup>.

Atentemos, agora, numa série de exemplos para, depois, procedermos aos seus comentários de natureza interpretativa:

- Ex. 6. "Eu ouvia Flora e *começava a sentir* que o que tinha razão era a sua presença, a densidade do seu corpo, o lineamento sólido do seu busto, o vigor que lhe estalava o tecido" (Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 73).
- Ex. 7. "O livro do Ega! Fora em Coimbra, nos dois últimos anos, que ele *começara a falar* do seu livro, contando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 111).
- Ex. 8. "– Ai, enganou-se. Está assim um momento e ele aí *princípiava a entristecer, a entristecer, a entristecer*, que me corta o coração só em olhar para ele" (Júlio Dinis, *Serões da Província*, p. 25).
- Ex. 9. "Desde aquele dia do carão do juiz que ele *princípiara a ter raiva*" (José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 43).
- Ex. 10. "Afonso da Maia, no entanto, com as pernas estiradas para o lume, *recomeçara a falar* do Silveirinha" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 78).
- Ex. 11. "A partir do dia um de Junho estará desempregado, terá de *recomeçar a percorrer* as policlínicas à procura de um lugar vago" (José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 326).
- Ex. 12. "É um problema que me interessa pouco, essa coisa da paidocracia, da importância que toda a gente *se pôs a descobrir* nos meninos impertinentes" (Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 68).
- Ex. 13. "É provável que por isso mesmo ela *se ponha a rir*, se vossemecê lhe chamar rainha e o negue" (Júlio Dinis, *Serões da Província*, p. 283).
- Ex. 14. "Com ele [Cavaco Silva], o PSD deixou de chorar a morte de Sá-Carneiro e *passou a acreditar* no presente" (*Expresso*, 1986 / 11 / 17).
- Ex. 15. "A partir de 1993, vinho português na CEE *passará a ter imposto* – uma proposta da comissão europeia" (*Diário do Minho*, 1987 / 11 / 17).
- Ex. 16. "Um instante Carlos receou que ela *rompesse a ladrar*. Mas a cadelinha, de repente, namorara-se dele" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 348).
- Ex. 17. "Seria só questão de inesperadamente *romper a falar-lhe* da Y, sem sequer a identificar, tratando apenas de tentar descrevê-la" (David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 182).

- Ex. 18. "E *deitando a correr* com uma graciosa agilidade, foi buscar a chave que Roberta lhe pedia" (Júlio Dinis, *Serões da Província*, p. 299).
- Ex. 19. "Então, porque não *desatava* eu a *falar-lhe* da Y? Só com receio de a magoar?" (David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 183).
- Ex. 20. "Neste ponto do discurso, deixei-o falar sozinho e *peguei a cismar* comigo" (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 326).
- Ex. 21. "O povo de Elvas e de muitas léguas em redor assiste na estrada, depois *larga a correr* através dos campos para se colocar, espectador, ao longo do rio" (José Saramago, *Memorial do Convento*, p. 316).
- Ex. 22. "Mal se aproximavam, os cães *largavam a ladrar*, mas daí a pouco calavam-se" (José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 248).
- Ex. 23. "(...) até que outro tiroteio desviasse a tropa para outras famílias e outro pai e outra mãe de cangaceiros *entrasse a pagar* pelos crimes dos filhos" (José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 166).
- Ex. 24. "Desde que *se metera a desenhar*, era uma das suas diversões; tudo lhe servia de papel e lápis" (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 236).

As três primeiras estruturas perifrásticas (*começar a + inf.*, *principiar a + inf.* e *recomeçar a + inf.*) são diferentes das demais, porque o valor aspectual *inceptivo* por elas expresso está essencialmente contido no respectivo auxiliar (= *verbum adiectum*), ao contrário das seguintes, cujo valor aspectual *inceptivo* depende do todo perifrástico, onde o verbo auxiliar (= *verbum denominativum*) perde totalmente o seu significado léxico. Deste modo, podemos dizer que a gramaticalidade destas últimas construções é, comparativamente às anteriores, mais forte.

Apesar de expressarem o mesmo significado aspectual, as construções de fase *inceptiva* que apontámos distinguem-se por apresentarem, também, uma *nuance* especial deste conteúdo gramatical (umas) e pela coocorrência verbal (outras). Tomando, assim, pela sua frequência de ocorrência e percepção imediata, *começar a + inf.* como sintagma gramatical geral deste valor aspectual, encontramos em *principiar a + inf.* uma variante estilística talvez; em *recomeçar a + inf.*, *pôr-se a + inf.* e *passar a + inf.*, pela *nuance* aspectual que as caracteriza (como vamos ver daqui a pouco), à semelhança das perífrases de fase *iminencial*, variantes talvez contextuais; *romper a + inf.*, *deitar a + inf.*, *desatar a + inf.*, *pegar a + inf.* e *largar a + inf.*, sobretudo pela coocorrência verbal, também variantes contextuais e,



por último, *entrar a + inf.* e *meter-se a + inf.*, a julgar pelos exemplos detectados, variantes da norma brasileira.

*Começar a + inf.*, cujo paradigma se apresenta completo (ou seja, não há casas vazias), desempenha um elevado rendimento funcional, apesar do valor aspectual em causa ser substancialmente denotado pela significação interna do verbo auxiliar. Como sintagma gramatical geral da *fase inceptiva* pode coocorrer, *lato sensu*, com todo o tipo de verbos plenos e, também, com verbos cópula (exs.: "As pessoas *começam a estar* fartas de tantas promessas"; "A partir de então, a sua presença *começou a ser* um hábito").

*Princípios a + inf.* apresenta as mesmas propriedades da estrutura gramatical anterior, só que de uso mais raro.

*Recomeçar a + inf.*, apresentando as mesmas propriedades das construções perifrásticas anteriores, caracteriza-se, sobretudo, pelo facto do seu conteúdo aspectual ser, rigorosamente, o de um novo começo, isto é: uma acção verbal que tinha começado e, por qualquer razão, foi interrompida e que, depois, voltou a iniciar-se. Relativamente a *começar a + inf.* exprime um outro valor semântico dentro do mesmo valor aspectual *inceptivo*.

*Pôr-se a + inf.*, nos níveis de hierarquização linguística mais abstractos (o *sistema* e a *norma*), apresenta sem qualquer dúvida, no estilo reflectido, o valor aspectual *inceptivo*. Porém, no estilo coloquial, pode exprimir não o início da acção, mas a acção mesma a que se entrega o sujeito (ex.: "Sempre que lhe falam disso, ele *põe-se a chorar*", isto é, entrega-se ao choro). Relativamente à sua funcionalidade na norma, deve dizer-se que o seu paradigma se apresenta completo e perfeitamente gramaticalizado; que pode coocorrer, quer com verbos 'durativos', quer com verbos 'momentâneos' e que a sua não coocorrência com verbos cópula (*ser* e *estar*) parece ser, pelo menos aparentemente, a sua única restrição na norma.

*Passar a + inf.* apresenta, no que diz respeito ao seu paradigma, as mesmas propriedades de *pôr-se + inf.* e, quanto à coocorrência verbal, ao contrário desta, também se combina perfeitamente com verbos cópula (ex.: "Se <sup>(...)</sup> as sentenças viradas do avesso *passarem a ser* leis, que mundo faremos com elas", José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 62). No entanto, caracteriza-se por implicar a presença explícita ou implícita de um contexto de ocorrência próprio, a saber: o início da acção com o abandono de uma orientação anterior que vinha sendo habitual.

*Romper a + inf.* faz parte de um conjunto de construções perifrásticas (as outras são *deitar a + inf.*, *pegar a + inf.*, *desatar a + inf.* e *largar a + inf.*) que se caracteriza por apresentar um paradigma bastante incompleto na norma e ainda por expressar 'ingressão abrupta', digamos assim, de uma acção verbal mais do que o valor aspectual que estamos a considerar agora. Apesar desta propriedade comum, algumas distinguem-se por se combinarem preferentemente com um tipo de verbos e não com outro.

Assim, *romper a + inf.* coocorre numa percentagem elevada com verbos do tipo *gemer, chorar, ladrar, falar* (de acordo com os exemplos encontrados); *deitar a + inf.* coocorre unicamente com os verbos *correr* e *fugir*; *desatar a + inf.*, que parece representar uma combinação das duas construções anteriores (*romper a + inf.* e *deitar a + inf.*), coocorre com os dois tipos de verbos (1. *chorar* e 2. *correr*) sem deixar de poder combinar-se com outros verbos; *largar a + inf.*, podendo ocorrer com outros verbos, combina-se (quase?) sempre com *correr*; *pegar a + inf.* parece distinguir-se deste grupo, porque não apresenta preferências de coocorrência / combinação e, de entre estas cinco, é a perífrase verbal de menor uso, isto é, aparece muitíssimo raramente.

Finalmente, *entrar a + inf.* e *meter-se a + inf.* apresentam os paradigmas bastante incompletos, e isto, talvez, por serem variantes de uso mais reduzido. Os verbos 'durativos' são a sua preferência de combinação verbal.

### 3.3. A fase *progressiva*.

Esta subcategoria aspectual designa a consideração da acção verbal depois do seu começo, isto é, em progressão (*vide* Fig. 1).

Os instrumentos gramaticais que expressam este conteúdo aspectual são as perífrases *ir + gerúndio* (progressiva prospectiva) e *vir + gerúndio* (progressiva retrospectiva). Ambas as construções apresentam um sincretismo formal e também de conteúdo com a *visão prospectiva* e a *visão retrospectiva*<sup>4</sup>, respectivamente.

Vejamos alguns exemplos, agora:

Ex. 25. "Um dos fenómenos mais curiosos que o Painei de popularidade nos tem revelado é, aliás, a estabilidade do quadro eleitoral em contraste com as profundas variações de imagem que *vão sofrendo* os líderes políticos, em particular Vítor Constâncio e Ramalho Eanes" (*Expresso*, 1986 / 12 / 27).

Ex. 26. "É o que *fora comprando, descobrindo* aqui e além, acumulara-o / (...); e nessa casa dos Olivais, alugada então por fantasia, uma manha que aquele pardieiro com o seu bocado de quintal em redor, lhe parecera pitoresco, sob o sol de Abril" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 156).

Ex. 27. "(...) cada vez mais preocupados com a salvação do nosso património cultural, mas cada vez menos capazes de o *irem acrescentando*" (David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 23).

Ex. 28. "Os alunos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) levantaram a greve que *vinham*

*observando desde segunda-feira" (Jornal de Notícias, 1987 / 01 / 09).*

Ex. 29. "Não se passa um dia que não *venha chegando* gente" (José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 226).

Ex. 30. "Mas há a experiência, tudo quanto *viemos aprendendo* lembrou Pedro Orce" (José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 261).

Os sintagmas gramaticais *ir + ger.* e *vir. + ger.* apresentam (sobretudo o primeiro, porque mais frequente) os paradigmas completos: todas as casas previstas pelo sistema se encontram representadas na norma.

No que diz respeito à coocorrência verbal, embora predominem os verbos 'durativos', também aparecem combinações de verbos 'momentâneos'. São, por conseguinte, duas estruturas gramaticais de um elevado rendimento funcional na actual norma linguística portuguesa.

### 3.4. A fase *continuativa*.

Esta fase assinala a consideração da acção verbal mais ou menos a meio da linha do seu percurso total, ou seja, depois da sua progressão e bastante antes da sua conclusão (*vide* Fig. 1).

*Continuar a + infinitivo* e *continuar + gerúndio* são as perífrases que expressam este conteúdo aspectual. São, aliás, as mesmas que realizam a subcategoria aspectual *visão continuativa*<sup>5</sup>. Apresentam, por conseguinte, e à semelhança das construções de *fase progressiva*, um sincretismo formal e de conteúdo.

Os exemplos:

Ex. 31. "Durante mais de um ano Selznic *continuou a consagrar-se* à adaptação da obra e à elaboração de um plano de trabalho detalhado" (*O Jornal*, 1987 / 10 / 23-29).

Ex. 32. "Então Blimunda disse, se não abirmos a vela, *continuaremos a subir*, aonde iremos parar, talvez ao sol" (José Saramago, *Memorial do Convento*, p. 197).

Ex. 33. "E Dioclécio *continuava elogiando* o vigário:  
– Eu já conhecia de fama o teu padrinho" (José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 58).

Ex. 34. "O Mandarim, no seu poleiro de alumínio, *continuará sacudindo* as penas verdes" (Érico Veríssimo, *Clarissa*, p. 168).

Antes de mais nada, devemos ressaltar que se trata de duas variantes de norma para a expressão do mesmo conteúdo gramatical: *continuar a +*

*inf.*, construção preferida da norma portuguesa, e *continuar* + *ger.*, construção preferida da norma brasileira,

Os paradigmas apresentam-se completos –o que marca bem a gramaticalidade das construções e, conseqüentemente, a sua rentabilidade funcional–.

Predominam os verbos 'durativos'. Este facto combina muito bem com o 'carácter aspectual' do verbo auxiliar (*continuar*, que é 'durativo'), por um lado, e com a significação secundária da construção (implicitamente 'durativa'), por outro.

Coocorrem, perfeitamente, com ambos os sintagmas gramaticais, quer verbos plenos, quer verbos cópula.

Por último, devemos ainda chamar a atenção para o facto de que *ficar a* + *infinitivo*, *ficar* + *gerúndio*, *andar a* + *infinitivo*, *andar* + *gerúndio* são outras tantas construções perifrásticas que, secundariamente, podem expressar esta função aspectual<sup>6</sup>.

### 3.5. A fase pré-final (ou regressiva).

Significa este valor a consideração da acção verbal quase no seu termo, isto é, distante do ponto médio do seu percurso e próximo da conclusão (*vide* Fig. 1).

*Estar a acabar de* + *infinitivo* (que é uma estrutura perifrástica diferente das anteriores, já que é formada, rigorosamente, por uma combinação de duas perífrases: *estar a* + *acabar de* + *infinitivo*) é o instrumento que serve à expressão desta função gramatical aspectual.

Ex. 35. "O senhor Presidente *está a acabar de escrever* uma carta e já vai".

Ex. 36. "O senhor Barbosa é que foi dar à manivela depois de a ter visto e não se pôde conter sem acender um charuto com cinta de ouro que queria guardar para a saída do espectáculo. Só quando *estava quase a acabar de o fumar* é que se lembrou de perguntar se as incomodava o fumo" (Almada Negreiros, *A Engomadeira*, pp. 22-23).

Ex. 37. "Devem *estar a acabar de fazer* a legislação sobre a reforma do sistema educativo em Portugal".

Este paradigma parece não querer funcionar nas morfotaxes 'pretérito perfeito' e 'pretérito mais-que-perfeito do indicativo' e 'imperativo', já que não são sentidas como funcionais na norma contemporânea: as primeiras conservam o significado léxico e a última não funciona mesmo, porque a exortação, neste caso, não tem sentido.

Apenas os verbos 'durativos' coocorrem, efectivamente, com esta estrutura.

### 3.6. A fase final (ou conclusiva).

Este valor aspectual assinala a consideração da acção verbal –que se vinha desenvolvendo– no seu momento derradeiro (*vide* Fig. 1).

*Acabar de + infinitivo* é a construção perifrástica que está encarregada de expressar, na norma portuguesa contemporânea, este valor aspectual. Vejamos, pois, os exemplos:

- Ex. 38. "Afonso da Maia aprovou plenamente a compra das colecções do Craft. "É um valor", disse ele ao Vilaça, "e *acabamos de encher* com boa arte Santa Olávia e o Ramalhete" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 415).
- Ex. 39. "O fulano *acabara de jantar*. No prato onde comera, jaziam, apetitosos, os restos do frango pedrês que a patroa velha degolara de manhãzinha" (Miguel Torga, *Os Bichos* (conto NERO), p. 16).
- Ex. 40. "Subitamente, el-rei compreende que a sua vida será curta, que curtas são todas as vidas, que muita gente morreu e morrerá antes que se *acabe de construir* Mafra, que ele próprio poderá amanhã fechar os olhos para todo o sempre" (José Saramago, *Memorial do Convento*, p. 288).

Este sintagma gramatical apresenta o seu paradigma completo. Só se combina, como é de fácil percepção, com verbos 'durativos'. Na forma negativa, o seu significado léxico conserva-se mais claramente. E, nesta forma, indica, por consequência, não o seu término, mas a permanência / continuação numa fase anterior.

A norma linguística conhece ainda, mas de uso bastante reduzido, uma outra estrutura (variante da anterior) que expressa o referido valor aspectual: *terminar de + infinitivo* (exs.: "O aluno *terminou de fazer* o seu trabalho escolar").

### 3.7. A fase egressiva.

Esta função aspectual corresponde à consideração da acção verbal depois do seu ponto final, isto é, depois da sua conclusão (*vide* Fig. 1).

*Ter + particípio flexionado* é o instrumento que serve de expressão gramatical deste valor aspectual. Esta construção, como é lógico, só pode ocorrer, neste sentido, com verbos transitivos com objecto directo expresso. Vejamos, então, alguns exemplos:

Ex. 41. "Os obreiros (já) *têm* a casa social *construída*".

Ex. 42. "Os obreiros *terão* a casa social *construída*".

Ex. 43. "(Oxalá) Os obreiros *tenham* a casa social *construída*".

Faça-se notar que, apesar do participípio se encontrar flexionado, este facto não impede que se considere a construção como uma verdadeira perífrase verbal, porque o participípio tem aqui um valor manifestamente verbal – 'participando' embora do valor de adjectivo.

#### 4. Algumas construções perifrásticas, não de FASE, mas intimamente relacionadas com esta categoria aspectual.

Estudámos até agora as principais fases de uma acção verbal e a sua expressão perifrástica em português contemporâneo. Neste momento, vamos considerar três outras construções, que (contrariamente a W. Dietrich, 1983, p. 218, que as considera como perífrases de *fase final*) funcionam, segundo nos parece, como 'paragens' no desenvolvimento de uma acção verbal, isto é, podem interceptar o curso de uma qualquer acção verbal antes da *fase final* e depois da *fase inceptiva*. Essas construções são *parar de + inf.*, *cessar de + inf.* e *deixar de + inf.*

Ex. 44. "Ao nome do Ega, Vilaça, *parando de baralhar* as cartas, erguera a face curiosa: – Então sempre é certo que ele vai montar casa?" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 116).

Ex. 45. "Deixe lá, quando os homens forem todos poetas *param de escrever* versos" (José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 65).

Ex. 46. "E não *cessava de repeti-lo*, à medida que avançava, como (C...); e a prometer que me reservava a apoteose daquela ronda de saudações" (David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 101).

Ex. 47. "Caetano da Maia limitou-se a desterrar o filho para a quinta de Santa Olávia; mas não *cessou de chorar* no seio dos padres que vinham a Benfica a desgraça da sua casa" (Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 14).

Ex. 48. "E também me disse que *deixava de vir* ao médico a Lisboa, que não tem cura, coitada" (José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 304).

Ex. 49. "Quem é? eu perguntava e ela ia remediando a minha curiosidade, até que *deixei de perguntar*, farto" (Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 113).

Ex. 50. "(...)talvez fosse ao médico e *deixasse de beber*" (José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 52).

*Parar de + inf.* e *cessar de + inf.* significam, na forma afirmativa, uma interrupção mais ou menos longa do desenvolvimento de uma acção verbal. Na forma negativa (e são muitos os exemplos de ocorrência nesta forma), significam, ao invés, a permanência na respectiva fase do seu desenrolar.

No que diz respeito à coocorrência verbal, verificamos que, tanto estes sintagmas gramaticais como *deixar de + inf.*, se combinam, quer com verbos plenos, quer com com verbos cópula. De entre os verbos plenos, os 'durativos' são os mais frequentes, como facilmente se compreende.

*Deixar de + inf.*, ao contrário das outras duas construções, significa um 'abandono' de algo que se vinha, vem ou virá fazendo. Isto (é claro) na forma afirmativa. Na negativa, tal como as construções anteriores, significa também permanência nesse estado / fase.

Finalmente, e relativamente aos seus paradigmas, temos a dizer que, apesar de não termos encontrado exemplos para todas as morfotaxes, elas são perfeitamente normais e funcionais na norma portuguesa contemporânea.

## 5. Conclusão.

Antes de terminarmos este discurso, gostaríamos de (re)lembrar alguns princípios teórico-metodológicos que presidiram a este tipo do análise e que constituem, por assim dizer, o corolário de tudo o que aqui foi dito.

Assim, e em primeiro lugar, verificamos que alguns sistemas de perífrases apresentam um paradigma completo; outros, pelo contrário, só nos oferecem algumas realizações. É por isso que se diz que este(s) sistema(s) complementar(es) é (são) defectivo(s).

Estas falhas ou restrições do(s) referido(s) sistema(s) constata-se apenas na NORMA, pois as casas vazias documentadas nesta continuam a existir, enquanto possibilidades, no SISTEMA. Este caracteriza-se por apresentar um conjunto de oposições funcionais, em parte realizadas, em parte por realizar: é a célebre 'diacronia' da norma na 'sincronia' do sistema (cf. Coseriu, 1977).

Em segundo e último lugar, devemos sublinhar que a expressão perifrástica da categoria gramatical *aspecto* está em franco desenvolvimento no sistema linguístico português. E isto, graças ao processo de gramaticalização que transforma as construções léxicas em instrumentos gramaticais, deslocando-as da periferia (*lexicalização*) para o núcleo (*gramaticalização*).

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João de, *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*, Assis-São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1980.
- Barroso, Henrique, *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo: visão funcional / sincrónica*, Porto, Porto Editora, 1994.
- Carvalho, José G. Herculano de, "Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe", in *Estudos Linguísticos*, vol. 3º, Coimbra, Coimbra Editora, 1984, pp. 199-235.
- Coseriu, Eugenio, "El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)", in *Estudios de Lingüística Románica*, Madrid, Editorial Gredos, Biblioteca Románica Hispánica, 1977, pp. 231-263.
- Dietrich, Wolf, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas (Estudios sobre el actual sistema verbal de las lenguas románicas y sobre el problema del origen del aspecto verbal perifrástico)*, Madrid, Gredos, Biblioteca Románica Hispánica, 1983 (tradução do original alemão).

## Bibliografia utilizada na exemplificação

## a) Textos literários:

- Assis, Machado de, *Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro*, São Paulo, Abril S. A. Cultural e Industrial, 1978.
- Dinis, Júlio, *Serões da Província*, Lisboa, Edição Círculo de Leitores, 1979.
- Ferreira, Vergílio, *Até ao Fim*, Lisboa, Bertrand Editora Lda., 1987.
- Mourão-Ferreira, David, *Um Amor Feliz* (1ª edição), Lisboa, Editorial Presença Lda., 1986.
- Negreiros, Almada, *A Engomadeira*, Lisboa, Edições Rolim, 1986.
- Queiroz, Eça de, *Os Maias*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s. d.
- Rego, José Lins do, *Pedra Bonita*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s. d.
- Saramago, José, *A Jangada de Pedra*, Lisboa, Caminho, 1986.
- *Memorial do Convento* (16ª edição), Lisboa, Caminho, 1986.
- *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (5ª edição), Lisboa, Caminho, 1985.
- Torga, Miguel, *Bichos* (11ª edição), Coimbra, Edições do Autor, 1981.
- Verissimo, Érico, *Clarissa* (X edição), Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s. d.

## b) Periódicos:

- Diário do Minho* (diário), de Braga.
- Expresso* (semanário), de Lisboa.
- Jornal de Notícias* (diário), do Porto.
- O Jornal* (semanário extinto), de Lisboa.



## NOTAS

1. As expressões *lexical*, *contextual*, *flexional* e *perifrástica* são os processos de realização da categoria gramatical verbal aspecto mais frequentes nas línguas do mundo e significam, respectivamente, a expressão por meio de lexemas verbais, adjuntos adverbiais, sufixo flexional e perífrases verbais.
2. Sobre 'verbo auxiliar', 'verbo auxiliado', 'perífrase verbal' e 'gramaticalização de perífrases verbais', *vide* H. Barroso, 1994, pp. 56-71.
3. Sobre 'perífrases extensivas' e 'perífrases intensivas' e *verba adiecta* e *verba denominativa*, *vide* W. Dietrich, 1983, pp. 226-231.
4. Sobre estes conteúdos aspectuais, *vide* W. Dietrich, 1983, p. 210, e H. Barroso, 1994, pp. 97-102.
5. Sobre esta função aspectual, *vide* W. Dietrich, 1983, p. 211, e também H. Barroso, 1994, pp. 102-105.
6. Sobre as funções gramaticais primárias que estas construções expressam na norma linguística portuguesa actual e também sobre os seus paradigmas e coocorrência verbal, *vide* H. Barroso, 1994, pp. 105-109 e 93-97, respectivamente.